



INSTITUTO PORTUGUÊS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

OCCASIONAL PAPER N.º 41

PORQUÊ A ÍNDIA?

Constantino Xavier, FCSH-UNL e IPRI-UNL

30 | Novembro | 2008

Embora violentos e mediáticos, os ataques terroristas de Bombaim não representam propriamente um surpreendente "11 de Setembro" indiano. A cidade sofreu ataques bombistas muito mais mortíferos em 1993 e em 2006 e há vários anos que a Índia é um alvo privilegiado para o extremismo islâmico transnacional que, desde 2002, vitimou mais de 600 indianos. Só o Iraque e o Paquistão contabilizam mais vítimas do terrorismo do que a Índia.

Que factores explicam a obsessão islamista em visar a Índia? Se no passado a resposta se esgotava numa referência à Caxemira, a região mais militarizada do mundo, em que o Exército indiano é frequentemente acusado pelos separatistas muçulmanos de violar os direitos humanos, o contexto actual apresenta motivos bem mais diversos.

Destaca-se a aproximação estratégica em curso entre Nova Deli, Washington e Telavive. O acordo de cooperação nuclear indo-americano deste ano, bem como o facto de Israel ser o segundo maior parceiro militar da Índia, é interpretado pelos extremistas como a materialização de uma tripla aliança "americana-sionista-hindu" contra o islão. Neste contexto, os atentados pretendem dirigir uma mensagem particular à nova administração Obama, para se preparar para uma nova frente de batalha na Ásia.

Por outro lado, no plano interno, surge a agenda do nacionalismo hindu e a sua frente paramilitar anti-islâmica, envolvida em diversos massacres nos últimos anos. A imensa minoria muçulmana de 150 milhões, principalmente concentrada nas zonas mais desfavorecidas e rurais, tem sido objecto de crescente marginalização e o Governo nem sempre tem sabido protegê-la. Os massacres antimuçulmanos no estado do Gujarete, em 2002, assumiram mesmo os contornos de um genocídio.

É também o carácter pluralista e a matriz ocidental da democracia indiana que explica o ódio que inspirou os jovens terroristas a disparar sobre centenas de pessoas em Bombaim, um centro financeiro global e a cidade mais cosmopolita da Índia - capital das artes, do comércio e do cinema. Na perspectiva conservadora islamista, esta versão asiática de Nova Iorque é um dos principais bastiões da cultura e do espírito liberal a abater na região, procurando opor-se assim à rápida ocidentalização do país.

Para além da ideologia, os terroristas também têm as suas agendas políticas e o actual momento de grande tensão que se vive no plano interno indiano apresenta-se como um último motivo de peso. No seguimento dos violentos motins contra a minoria cristã e as populações tribais em Agosto, e no contexto da rápida expansão da guerrilha maoísta naxalita no interior rural, os atentados visam agudizar a crescente insegurança e desestabilizar a Índia no plano interno, a poucos meses das suas eleições nacionais, que envolvem mais de 700 milhões de eleitores no maior exercício democrático do mundo.